



ACESSIBILIDADES

& DICAS PEDAGÓGICAS



Volume 2



ACESSIBILIDADE & DICAS PEDAGÓGICAS

NAPPA

UNIFESO
Teresópolis – RJ
2016

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

MANTENEDORA: FUNDAÇÃO EDUCACIONAL SERRA DOS ÓRGÃOS - FESO

CONSELHO DIRETOR

Presidente

Antonio Luiz da Silva Laginestra

Vice-Presidente

Jorge de Oliveira Spinelli

Secretário

Luiz Fernando da Silva

Vogais

Jorge Farah

Kival Simão Arbex

Luiz Fernando da Silva

Paulo Cezar Wiertz Cordeiro

CONSELHO CURADOR

Presidente

Ariovaldo Antonio de Azevedo

Alexandre Fernandes de Marins

José Luiz da Rosa Ponte

Luiz Roberto Veiga Corrêa de Figueiredo

Wilson José Fernando Vianna Pedrosa

DIREÇÃO GERAL

Luis Eduardo Possidente Tostes

F977 Fundação Educacional Serra dos Órgãos.
Centro Universitário Serra dos Órgãos.

Acessibilidades & Dicas Pedagógicas – NAPPA – Volume 2/ Fundação Educacional Serra dos Órgãos. Programa de Acessibilidade do UNIFESO - -- Teresópolis: UNIFESO, [2016].
[30]f.

1-Fundação Educacional Serra dos Órgãos. 2- Centro Universitário Serra dos Órgãos. 3- Acessibilidade. I. Título.

CDD 378.8153

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

MANTIDA: CENTRO UNIVERSITÁRIO SERRA DOS ÓRGÃOS - UNIFESO

CHANCELARIA

Antonio Luiz da Silva Laginestra

REITORIA

Verônica Santos Albuquerque

PRÓ-REITORIA ACADÊMICA

José Feres Abido Miranda

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCHS

Ana Maria Gomes de Almeida

Curso de Graduação em Administração

Jucimar André Secchin

Curso de Graduação em Ciências Contábeis

Jucimar André Secchin

Curso de Graduação em Direito

Leonardo Figueiredo Barbosa

Curso de Graduação em Pedagogia

Maria Terezinha Espinosa de Oliveira

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - CCS

Mariana Beatriz Arcuri

Curso de Graduação em Ciências Biológicas

Carlos Alfredo Franco Cardoso

Curso de Graduação em Enfermagem

Selma Vaz Vidal

Curso de Graduação em Farmácia

Valter Luiz da Conceição Gonçalves

Curso de Graduação em Fisioterapia

Andréa Serra Graniço

Curso de Graduação em Medicina

Manoel Antônio Gonçalves Pombo

Curso de Graduação em Medicina Veterinária

André Vianna Martins

Curso de Graduação em Odontologia

Monique da Costa Sandin Bartole

CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA - CCT

Elaine Maria Paiva de Andrade

Curso de Graduação em Ciência da Computação

Laion Luiz Fachini Manfro

Curso de Graduação em Engenharia Ambiental e Sanitária

Vivian Telles Paim

Curso de Graduação em Engenharia de Produção

Vivian Telles Paim

Curso de Graduação em Engenharia Civil

Helena da Costa Miranda

DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO

Edenise da Silva Antas

DIRETORIA DE ADMINISTRAÇÃO

Solange Soares Diaz Horta

DIRETORIA DE PLANEJAMENTO

Michele Mendes Hiath Silva

ÓRGÃOS SUPLEMENTARES

CENTRO EDUCACIONAL SERRA DOS ÓRGÃOS – CESO

Roberta Franco de Moura Monteiro

CLÍNICA-ESCOLA DE FISIOTERAPIA

Alba Barros Souza Fernandes

CLÍNICA-ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA

Priscila Tucunduva

CLÍNICA-ESCOLA DE ODONTOLOGIA PROF. LAUCYR PIRES DOMINGUES

Leonardo Possidente Tostes

HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE TERESÓPOLIS COSTANTINO OTTAVIANO – HCTCO

Rosane Rodrigues Costa



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL SERRA DOS ÓRGÃOS – FESO CENTRO

UNIVERSITÁRIO SERRA DOS ÓRGÃOS – UNIFESO

NÚCLEO DE APOIO PSICOPEDAGÓGICO E ACESSIBILIDADE – NAPPA

Equipe

Aryane Gonçalves Dias Hodgson

Gabriela Moraes Gomes

Gicele Faissal de Carvalho

Luciana Domard

Maria Lúcia Rebello Marra Smolka

Rosália C. Furtado

Rosângela Pimentel Guimarães Crisostomo

PROGRAMA DE ACESSIBILIDADE DO UNIFESO

O Núcleo de Apoio Psicopedagógico e Acessibilidade do UNIFESO conta com um programa que visa a inclusão de estudantes com necessidades especiais nos cursos de graduação.

O termo Necessidades Educacionais Especiais (NEE) se refere às pessoas, em qualquer idade, que apresentam elevada capacidade ou determinadas dificuldades para aprender e que, por isso, requerem respostas educacionais específicas.

Cabe ressaltar que, o acompanhamento psicopedagógico realizado pelo NAPPA/UNIFESO tem sido pautado na demanda apresentada, em consonância com requisitos legais, tal como a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (Decreto 6.949 de 2009) que, em seu Art. 24, recomenda “adaptações razoáveis de acordo com as necessidades individuais”. Além desta referência, temos consultado o Estatuto da Pessoa com Deficiência instituído pela Lei 13.146 de 6 de julho de 2015. A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, em seu Art. 3º, traz à tona o conceito de barreiras atitudinais: “atitudes ou comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas” que, para saná-las, precisamos ampliar o conceito e a prática da acessibilidade atitudinal. O Art. 30 aborda algumas medidas que devem ser adotadas pelas instituições de ensino superior e de educação profissional e tecnológica, nas redes pública e privada. Dentre elas, destacamos a “dilação de tempo, conforme demanda apresentada pelo candidato com deficiência, tanto na realização de exame para seleção quanto nas atividades acadêmicas, mediante prévia solicitação e comprovação da necessidade” que já tem sido proporcionada em nossa IES.

Neste volume, abordamos algumas dicas visando à orientação pedagógica para o cotidiano docente especificamente em casos de gagueira e fobia social. Transcrevemos algumas vivências, colhidas na internet, de indivíduos com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, Autismo, Surdez, Gagueira e Fobia Social com o intuito de promover uma reflexão baseada em relatos de casos que fazem parte do nosso contexto educacional e profissional.



www.oabrij.org.br

Estou fazendo a minha parte?

A inclusão da pessoa com necessidade especial tem sido um desafio tanto na escolarização formal quanto no ambiente de trabalho. É bastante comum existir o preconceito relacionado ao que é visto como diferente do padrão considerado "normal" num grupo. Esta ideia de anormalidade é estendida aos indivíduos que, por questões sociais, raciais ou existenciais, se distanciam do que foi convencionado como "normal". Nas questões existenciais se enquadra a pessoa com deficiência (ANTUNES, 2007).

Na infância, todos os tipos de preconceitos alimentam atitudes de *bullying* nas escolas sempre que agressores destacam determinadas características como a obesidade, a intolerância religiosa, a discriminação racial, a discriminação de gênero e deficiências diversas.

Assim, o indivíduo passa a ser identificado a partir de apelidos pejorativos que podem trazer danos psicológicos, muitas vezes, levados ao longo de sua vida. É preciso lembrar que, nem todos possuem condições de acesso a uma terapia cognitiva comportamental para lidar com tais marcas registradas em seu ser; talvez, uma conversa com alguém de sua confiança resolva, talvez não.



www.portaldoprofessor.mec.gov.br

Na adolescência, momento importante de autoafirmação, o *bullying* se acentua ainda mais quando alguns se sujeitam a fazer qualquer coisa para serem aceitos no grupo, ao passo que as vítimas de tais atitudes discriminatórias tendem a potencializar o seu sofrimento.



www.cenag.com.br

Por fim, na fase adulta, há a cobrança para que o indivíduo seja inserido no mercado de trabalho. Nesse ínterim, pode surgir ou não a possibilidade de frequentar o Ensino Superior. Independente se o sujeito vai trabalhar e estudar ou optar por uma atividade ou outra, o fato é que a convivência é inerente ao ser humano. Aquele sujeito que foi vítima ou fomentou preconceitos provavelmente vai estender seus pensamentos e sentimentos por onde passar.

Quando uma pessoa com necessidade especial chega ao ambiente de trabalho, é comum haver ênfase em suas limitações em vez de dar foco às suas potencialidades. É óbvio que todos possuem limitações, no entanto, quando há alguma deficiência, toda a atenção é voltada para ela, de forma a criar estereótipos. Por exemplo, o senso comum apregoa que uma pessoa com baixa visão ou cega terá que, forçosamente, ser um bom músico, como se houvesse um esquema de compensação. É claro que outros sentidos podem ser mais estimulados, ou não. Portanto, tal expectativa é equivocada.



www.cronicasdasurdez.co



www.g1.globo.com

De modo geral, um grave erro, seja em qual ambiente for, é a substantivação da deficiência. Por exemplo, se referir ao sujeito como “ceguinho”, “deficiente mental”, “perneta” (e outros), o que faz com que ele perca sua identidade e o foco seja colocado na deficiência. Isto caracteriza falta de respeito e ausência de acessibilidade atitudinal.



www.apnendenovaodessa.blogspot.com

A acessibilidade atitudinal está essencialmente relacionada à ausência de preconceitos que geram a discriminação, seja no ambiente acadêmico ou profissional. Segundo Sasaki (2003):

[...] uma sociedade inclusiva vai bem além de garantir apenas espaços adequados para todos. Ela fortalece as atitudes de aceitação das diferenças individuais e de valorização da diversidade humana e enfatiza a importância do pertencer, da convivência, da cooperação e da contribuição que todas as pessoas podem dar para construir vidas comunitárias mais justas, mais saudáveis e mais satisfatórias (SASSAKI, 2003, p. 164).

A educação inclusiva promove benefícios como a apreciação pela diversidade individual, ou seja, os seres humanos possuem naturalmente capacidades particulares e saber lidar com tal realidade é importante preparação para a vida adulta, considerando que compomos uma sociedade diversificada.

GAGUEIRA

A gagueira está codificada na Classificação Internacional de Doenças (CID-10) com os caracteres F98.5. Desta forma, a gagueira é cientificamente considerada como distúrbio ou transtorno de fluência da fala.

O problema central na gagueira consiste em uma dificuldade do cérebro para sinalizar o término de um som ou uma sílaba e passar para o próximo. Desta forma, a pessoa consegue iniciar a palavra, mas fica presa em algum som ou sílaba (geralmente o primeiro) até que o cérebro consiga gerar o comando necessário para dar prosseguimento com o restante da palavra.

A gagueira é involuntária, ou seja, a pessoa que gagueja não tem controle sobre a sua fala e não consegue evitar a ocorrência da gagueira, por mais que se esforce.

Além dos sinais externos, a gagueira também está associada a um grande sofrimento interno porque a pessoa tem o que falar, sabe o que falar, mas não consegue. Desta forma, geralmente ocorre uma forte reação à gagueira porque ela interfere na comunicação e nos desempenhos escolar e profissional.

ORIENTAÇÕES PARA PROMOVER A CESSIBILIDADE ATITUDINAL EM RELAÇÃO AOS ESTUDANTES QUE APRESENTAM GAGUEIRA



www.tutoriaida.treco.br

O docente é um modelo para a turma. Portanto, se agir espontaneamente com o estudante gago, respeitá-lo e incentivar os colegas a fazer o mesmo, vai ajudá-lo a se sentir aceito e à vontade. Vejamos algumas dicas que podem ser úteis no cotidiano acadêmico:

1. Tratar o estudante como os demais durante uma conversa. Não terminar a frase por ele e nem demonstrar impaciência.
2. Dar atenção ao que ele diz, e não a como se expressa. Se ele estiver ansioso, diga que você tem tempo e não o interrompa.
3. Incentivar a participação dele nos dias em que apresentar mais facilidade para falar.
4. Repetir de forma espontânea o que ele disse, tornando a conversa natural. Ao ver que foi compreendido, ele dará menos importância ao modo como se expressa.
5. Reduzir a velocidade de sua fala ao conversar com ele, marcando bem as pausas e olhando em seus olhos.
6. Fazer perguntas que possam ser respondidas com poucas palavras até que ele se sinta à vontade na classe.
7. Falar com a turma, sem a presença deste estudante, sobre como é ruim gaguejar e que comentários pejorativos caracterizam bullying e uma falta de respeito em relação às características de cada indivíduo.

FOBIA SOCIAL

É comum, no contexto acadêmico, nos depararmos com estudantes que evitam a exposição oral nas aulas, seja a participação mais simples ou a mais elaborada como num seminário. A timidez é caracterizada por um desconforto ao interagirmos socialmente, sobretudo quando temos que falar em público. Transcendente a isto, a timidez deve ser considerada relevante quando a tendência a evitar as situações de interação gera prejuízo pessoal, profissional e afetivo. Assim sendo, não se pode confundir timidez com fobia social.

Para um diagnóstico adequado do Transtorno de Ansiedade Social (TAS), também conhecida como Fobia Social, é necessária uma anamnese psiquiátrica cuidadosa, mesmo porque não é raro estar associado à comorbidades como depressão, transtorno de ansiedade generalizada e agorafobia, como descrevem a Associação Brasileira de Psiquiatria e a Sociedade Brasileira de Medicina da Família e Comunidade nas Diretrizes Clínicas na Saúde Suplementar (2011). Além dos sintomas de ansiedade, podem estar associados sintomas físicos, como rubor, tremor, taquicardia, sudorese e tensão muscular, podendo chegar a um ataque de pânico.

Os portadores do TAS ou Fobia Social costumam passar despercebidos pelos clínicos e psiquiatras, representando mais de 50% dos casos, ou seja, não buscam auxílio por acreditarem que é apenas seu “jeito de ser” e que não podem ser ajudados, segundo Picon & Penido (2011).



http://4.bp.blogspot.com/-WZFmMs5JuFw/T7l4b-zkHMI/AAAAAAAD2c/88gsyYOp6Xw/s1600/fobia_social.gif

¹**Agorafobia:** Estado patológico caracterizado pelo medo de atravessar espaços públicos, como largos ou praças. (Priberam Dicionário, disponível em: <https://www.priberam.pt/DLPO/agorafobia>)

Vale ressaltar que uma dose de ansiedade é comum na maioria das pessoas quando estão expostas a situações desconhecidas, mas os fóbicos sociais vivenciam constantemente este medo ou pavor. Além disso, "há marcada sensibilidade a críticas e rejeição, excesso de preocupação com a opinião dos outros e com a aparência pessoal e baixa autoestima" (RANGÉ et al., 2011, p. 270).

A seguir, algumas situações desconfortáveis para o fóbico social e que, com certeza, tentarão evitar por uma questão de autodefesa:

1. Falar em público a um grupo de pessoas;
2. Ser o centro das atenções (ex: ser alvo de piada ou de comentários);
3. Manifestar-se, discordar, ou entrar em conflito com pessoas;
4. Fazer qualquer coisa sendo observado (escrever, falar ao telefone, comer, entre outras coisas);
5. Interagir com o sexo oposto;
6. Estar em lugares públicos, especialmente se estiver com muita gente (hospital, igreja, fila de banco, shopping, festas);
7. Iniciar e manter uma conversa com desconhecidos;
8. Iniciar e manter uma conversa com conhecidos;
9. Pedir informações a um desconhecido;
10. Fazer contato visual.

No âmbito profissional, o fóbico social apresenta a tendência a evitar cargos de liderança ou eventos por medo de se expor ou até mesmo se indispor com alguém. No emocional, chega a evitar iniciar relacionamentos por não conseguir controlar sua ansiedade em situações comuns do cotidiano.

DICAS PEDAGÓGICAS

- É importante que o docente observe determinados comportamentos e converse com os estudantes. O fóbico social não busca esclarecer suas dúvidas por estar em frente a turma; ao contrário, ele chega a arriscar uma reprovação por conta de sua incapacidade de se comunicar verbalmente, sobretudo em situações de exposição social.



- Fique atento ao estudante que nunca pergunta e não interage com a turma. Converse com ele, em particular. Aconselhe-o a procurar um profissional especializado para diagnosticar corretamente se trata-se de uma timidez circunstancial ou se é mesmo um caso de fobia social, sendo talvez necessária a implantação de psicoterapia e/ou farmacoterapia.

- Estimule a participação, sem "forçar a barra". Talvez você possa conversar com o estudante que tenha dificuldades em apresentação oral e combinar o melhor momento para a sua participação. Por exemplo, há quem se sinta melhor ao apresentar primeiro, pois tem a sensação de já ter "ficado livre"; ao contrário, há quem prefira deixar sua apresentação por último. O importante é que haja um diálogo para definir o momento ideal, sem excluir o estudante.

- Elogie as pequenas conquistas.



www.mentefeliz.com.br

RELATOS SOBRE BARREIRAS QUE DIFICULTAM A ACESSIBILIDADE ATITUDINAL

É comum, por desconhecimento das características de algumas deficiências, haver uma certa insegurança no convívio acadêmico e profissional. É importante que não tenhamos receio ou medo da aproximação com pessoas com deficiência, afinal de contas, o preconceito velado é tão prejudicial quanto o declarado. Por isso, é recomendável buscar informação para agir de forma adequada.

Os relatos que seguem foram colhidos na internet. Alguns textos passaram por adaptação para sintetizar os casos contados.

1) FOBIA SOCIAL

Tenho 35 anos e somente recentemente me dei conta de que tinha fobia social. Até que era uma criança normal, mas quando fui entrando na pré-adolescência comecei a me retrair, boa parte disso causada pelas diversas situações de bullying. Comecei a me isolar das pessoas e a ficar com medo delas por achar que qualquer um iria curtir com minha cara. Vivia enfiado dentro de casa. Via a vida passando pela janela. Todos os colegas e primos que cresceram comigo já estavam começando a namorar e a sair com os amigos. Isso foi

me deixando deprimido. Até tentei tratamento com psicóloga nessa época, mas não deu certo. Foi a pior fase da minha fobia: dos 13 aos 15 anos. Não conseguia comer na rua, entrar em lojas de shopping. Quando cheguei à faculdade, já não tinha sintomas físicos da fobia e até conseguia conversar com as garotas, mas nunca conseguia estabelecer amizade com ninguém. Não frequentava festas ou eventos da faculdade. Na hora dos trabalhos de grupo não tinha com quem fazer. E a constante depressão me fazia levar bomba nas matérias. E o fato de perder o contato com os colegas iniciais piorou ainda mais a situação. Tudo isso, junto com a solidão, culminou com o abandono dessa faculdade. Ingressei em outra e, nessa oportunidade, a situação foi melhor embora também não tenha feito amizades. Aliás, com muita dificuldade consegui apresentar o trabalho final. Participei da cerimônia de formatura e na hora de me anunciar, o orador me descreveu como uma pessoa que não fala nada...O pânico e a tristeza vieram naquele momento. Outra situação que me preocupava era o emprego. Nunca tinha arrumado nada além do estágio da faculdade e a idade, um pouco avançada, já me incomodava bastante. Por sorte consegui passar num concurso público. A partir daí minha situação começou a mudar. Mas não sem sofrimento inicial. Ficava meio encabulado com as brincadeiras dos meus colegas. Outra situação foi numa festa junina. Um outro colega ficou me pressionando para eu ir dar um xaveco numa moça e aquilo me deixou em pânico novamente. E isso eu já estava com 31 anos. Foi quando me dei conta de que a fobia social já tinha roubado parte da minha vida e que se eu não fizesse nada para mudar iria ser um morto-vivo. Foi por essa soma de fatos que tomei coragem e procurei uma psiquiatra e fiz um tratamento com remédios. Junto a isso fiz psicoterapia e ela me aconselhou a me matricular em uma escola de dança ou outra atividade social. Agora só me falta uma namorada para fechar meu ciclo. Apesar de tudo, ainda me envolvo frequentemente em pensamentos de tristeza por não ter resolvido meus problemas bem mais cedo. Fico me achando velho demais para viver a vida. Espero que tenham tido paciência em ler e torço sinceramente para que todos nós possamos vencer esse grande mal que é a Fobia Social.

Disponível em: <http://www.conteaquai.com.br/fobia-social>

2) FOBIA SOCIAL

Sou alguém que está sempre à procura de conhecimento. Estou sempre à procura de algo que possibilite novas descobertas, que me enriqueça como pessoa. Além disso, sou alguém extremamente crítico comigo mesmo, que observa tudo, mas não consegue colocar em prática por medo de se expor; mas, ao mesmo tempo me sinto limitado por não conseguir falar o que penso e fazer o que tenho vontade. O que eu quero? Quero me relacionar melhor com as pessoas. Perder o medo de falar com qualquer pessoa e de dizer o que realmente penso. Quero olhos para olhar sem medo dos olhos da outra pessoa. Quero fazer parte do cotidiano. O que me impede? O medo de fazer papel de bobo. O medo de receber um “não”. O medo de me expor ao ridículo. Enfim, apenas eu mesmo me impeço de conseguir o que quero porque me sinto travado, preso, um estranho na multidão. Tenho medo do olhar do outro, de sentir que posso estar sendo avaliado o tempo todo. À primeira dificuldade que aparece, desabo. (Adaptado).

Fonte: RANGÉ, Bernard et al. Psicoterapias cognitivo-comportamentais – um diálogo com a psiquiatria. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2011, p. 287.

3) GAGUEIRA

Professor X Gagueira

Tornei-me professor mesmo com a minha deficiência no falar, se é que isso é realmente deficiência. Sei que busquei me entender com a minha gagueira e com isso minimizei esse meu problema. E o que foi mais importante e de uma grandeza para mim incalculável, foi o momento em que busquei me aceitar.

No momento em que me omitia e negava-me a querer falar com as outras pessoas para não ouvirem o meu gaguejar, achava eu que isso era mais confortável, mas só tinha mesmo valor para alimentar a minha solidão e a desvalorização como ser humano.

A minha experiência de vida, com o passar do tempo, me mostrou que nunca somos o que gostaríamos de ser, por mais que sejamos lindos, elegantes, atraentes, inteligentes e

famosos, ainda falta alguma coisa para a plenitude da nossa satisfação. Aprendi também que não precisava absorver e aceitar características externas estereotipadas que me rotulavam e que queriam me podar socialmente.

A minha gagueira precisa que eu fale para que eu lhe dê vida. E nesse meu falar estou sempre buscando alimentá-la. O interessante nisso tudo é que, quando eu canto ela fica contemplando a minha melodia, quando eu durmo, ela adormece comigo e sei que quando morrer morreremos juntos.

Como professor percebi o quanto eu tinha ainda a aprender, desenvolver e contrair. Entendi que, apesar de ser diferente, precisava fazer sempre o melhor possível, me aceitar e superar as minhas dificuldades de maneira que pudesse atender aos outros e a minha felicidade.

C., 58 anos, Professor de Nível Superior – Pessoa que Gagueja

Disponível em: http://www.gagueira.org.br/conteudo.asp?id_conteudo=216

4) TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade

“Aos 30 anos e 5 dias fui diagnosticada com TDAH. Estou no quinto curso universitário (nenhum concluído). Entrei no atual há 3 anos, deveria estar me formando esse ano mas ainda faço disciplinas de 1º, 2º e 3º semestres. Estou decidida a terminar este curso, mas, mesmo querendo muito, não consigo concluir disciplinas que exijam o mínimo de atividade fora da sala de aula. Ou seja, ler um texto, um livro, escrever uma redação ou coisa do tipo. No início de cada semestre eu estou a todo gás, até que seja exigido que se faça algum trabalho. Aí começa a aflição do "ter que começar", ter que fazer, e, pior, ter que terminar uma atividade. Desde 2010, neste curso, não concluí nenhuma matéria que exigisse que fosse feita alguma atividade "em casa". Um dos cursos de graduação pelos quais passei me possibilita trabalhar como autônoma, fazendo serviços avulsos. E isso me permite sobreviver, mas me causa muito sofrimento pois não consigo entregar os serviços nos prazos que eu mesma determino. Aí começo a dar desculpas esfarrapadas de

que estou sem tempo, de que estou muito ocupada. Tudo mentira. A incapacidade de terminar as tarefas, por mais simples que sejam, me deixam extremamente angustiada e aí a situação vira uma bola de neve. Desde criança sou, pra minha família e amigos, a pessoa que "não termina nada que começa". E a angústia se instala sempre que percebo que, de fato, não termino. NUNCA li um livro didático em toda a minha vida escolar. Pra explicar/ilustrar a forma como minha vida se dá, eu falo que funciono da seguinte forma: Lembro que tenho que ler um texto.

Levanto pra pegar o livro. Vejo a máquina de lavar, lembro das roupas a serem estendidas. Me dirijo à pia para lavar o prato que está lá e, na verdade, pego um copo, abro a geladeira e fecho novamente. Ligo a TV, ponho no "mute" e começo a jogar no celular. Abro 15 abas no navegador de internet e não leio nenhuma delas. É como se meu pensamento fosse uma bolinha de borracha quicando em todas as direções e esbarrando em superfícies diversas em várias direções. A bolinha não caminha em linha reta, não rola no chão nem gruda em nada. Pula, de um lado para o outro desordenada. Quicando entre a máquina de lavar, o livro, o celular, as abas da internet, as contas a pagar... E às vezes tenho a sensação que tem 2, 3 bolinhas pulando ao mesmo tempo. Ou seja, vários pensamentos desordenados e simultâneos."

Disponível em: <http://www.tdah.org.br/historias-reais.html>

5) TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade

"Durante o passar dos anos, vivi normalmente com todas as minhas dificuldades e não foram poucas, sem exageros, mas, sempre pensando que eu poderia ser burra mesmo, ou desinteressada. A minha própria família me dizia isso, principalmente com matemática. Sempre que me empenhava nos estudos, digo, me empenhava de VERDADE e isso era uma raridade, porque estava sempre dispersa em meu mundinho mágico e infantil, eu me dava SUPER bem nas provas da escola. Quase todos os anos, não sei como passei de ano, pois era uma péssima aluna, e sempre tirava notas baixas, mas passava sempre com 6 - que era a média. Sempre tive dificuldade em organizar coisas

em minha cabeça. Sempre tive dificuldade em raciocínio e matemática, e hoje aos 27 anos, tenho muita dificuldade em fazer cálculos de cabeça. É como se no momento em que eu fosse fazer um cálculo, subisse um frio em minha espinha, e minha cabeça fica dando voltas num vazio e as informações se perdem...como se não possuíssem nenhuma ligação. Tenho muita dificuldade de ler livros e estudar, pois demoro cerca de horas para começar a me concentrar. Tenho tanta falta de concentração, que sou facilmente atraída pelo SONO e durmo facilmente durante o estudo. Tenho dificuldade de assimilação dos conteúdos. As informações parecem que caem em um buraco negro em minha cabeça sem retorno, pois não consigo assimilar, somente as mais marcantes, pois me fixo a elas como se não houvesse amanhã. Definitivamente, não consigo apresentar seminários em que eu tenha de expor um grande número de informações, pois não consigo seguir uma linha de raciocínio, pois esqueço tudo. Não consigo assistir aulas sem achar chato, e em um momento parece que estou toda ali na aula, mas um instante depois, eu desapareço dali e bate a ansiedade e desejo ir embora pra casa urgentemente, pois é muito chato permanecer ali ouvindo algo que não consigo me concentrar o suficiente para entender. Não se trata de falta de interesse, pois sofri isso minha vida inteira; eu até desejo ter a mesma atenção que todos a minha volta tem na aula que estou assistindo, para não precisar aprender tudo em casa. Adoro estudar, mas tenho de lidar com a inquietação e a ansiedade para fazer tudo isso. Eu tenho um problema sério que é a falta de organização, pois não consigo terminar nada que eu começo a fazer, costumo fazer muitas coisas ao mesmo tempo. Sempre acaba que nunca consigo fazer o que tenho de fazer, e não faço nada. É possível perceber pela forma como escrevo, que as idéias vem aleatoriamente, pois vou colocando da forma como lembro, na ordem que eu lembro, como flashes que vem momentaneamente em minha mente, sem uma ordem cronológica certa. Me consideram muito inteligente, mas ao mesmo tempo me acho muito burra, pois a única coisa que valorizo muito em mim é a minha percepção que é muito boa das coisas, mas minha capacidade é discutível e meu rendimento também.”

Disponível em: <http://www.tdah.org.br/historias-reais.html>

6) TDA – Transtorno do Déficit de Atenção

“Eu tenho 35 anos e há apenas poucos anos descobri que tenho TDA, devo dizer que fiquei feliz com a descoberta, pois isso explicou porque eu sou tão diferente da grande maioria de pessoas. Desde que me entendo por gente, eu vivo no mundo da lua, sempre fantasiando uma porção de coisas, na escola meu desempenho era de médio para ruim, apenas nas matérias que me despertavam interesse eu era boa, aí se podia dizer que eu era a melhor, mas no geral, eu ficava no meu canto, apenas viajando em meus pensamentos, em matérias de cálculos eu me saía muito mal, não porque eu não entendesse a matéria, mas porque a falta de atenção fazia com que eu não acertasse os cálculos. Ao longo da vida eu já fui rotulada de muitas coisas, burra, preguiçosa, pelo simples fato de que não consigo prestar atenção em uma simples conversa um pouco mais longa, eu sempre perco a piada, pois nem chego a escutá-la, fora o fato que não conseguia terminar nenhum curso, pois meu desinteresse ocorria muito rapidamente. Preencher formulários também é um desafio, já cheguei a ter que preencher um simples formulário com dados pessoais mais de 5 vezes. Enfim, hoje posso dizer que estou bem melhor, na maioria das vezes me sinto como um balão que está a flutuar o tempo todo, pois a mente sempre vagueia quando devo prestar atenção em algo, mas a maturidade diminuiu muitos dos meus sintomas. O importante é conhecermos os nossos limites e dificuldades e as nossas virtudes, por exemplo, eu sei que trabalhos burocráticos, repetitivos e que exijam atenção não são para mim, mas quando me interesso por algo, vou muito além do que a maioria das pessoas!”

Disponível em: <http://www.tdah.org.br/historias-reais.html>

7) SURDEZ

Pois é, vamos lá... há sete meses acordei com uma maldita surdez súbita. (Fui dormir em um sábado escutando, acordei num belo domingo surda, com um zumbido horrível – tinnitus!) Nos dois primeiros dias, pra falar a verdade, não dei importância, achando que aquela sensação de ouvido 'tampado' de quando subimos/descemos uma serra iria cessar. Aproveitando uma consulta de meu pai a um clínico geral (3 dias depois – uma

quarta) resolvi me consultar. Quando narrei tudo ao médico disse minha queixa principal: SURDEZ SÚBITA NO OUVIDO ESQUERDO. Ele pega o otoscópio, inspeciona meu ouvido e diz com a intenção de um elogio: "Tá muito limpo, limpo até demais" (Senti o elogio?Eu não!) e pergunta (despreocupadamente) "Ah, então, o que você quer? Atestado?" Eu: "NÃO! Pode começar com uma Audiometria mesmo". Uma semana depois faço a audiometria e sigo para um otorrino – a cara deles era pior que o diagnóstico: SURDEZ SÚBITA UNILATERAL EM OUVIDO ESQUERDO de ETIOLOGIA IDIOPÁTICA (Leia-se desconhecida). O médico me receitou corticóide (10 dias depois!) e um remédio para labirintite que me deixava louca de dor de cabeça. Eis que passo a me deparar com o maior de meus problemas: a adaptação com minha realidade (família, faculdade, amigos). Curso o 3º ano de Enfermagem. Quando tento assistir uma aula dignamente (sento na 1ª fila mais à direita!) e a turma teima em conversar ou em seminários com perguntas direcionadas no final: "Como posso responder/entender/compreender algo se nem escutei o que disseram?" E olhe que sou das mais pacientes quando peço para repetir algo, não temo em pedir para repetir a fala 2,3,4,5 vezes até compreender, pedir silêncio ou mesmo pedir (encarecidamente!) para escrever o que quer dizer. Sempre tento fazer com que os professores percebam minhas limitações, ou peço para minhas amigas comunicarem (depende da 'energia' e boa vontade) aos meus professo- res, ou mesmo faço saber, todos os colegas sabem, família, amigos, mas sinto uma enorme incompreensão ou desdém de muitos (a maioria). Só pra citar um descaso: fui justificar a minha ausência de uma aula a uma professora (tinha ido à Recife – consultas e exames!) e ela dispara ironicamente: "Se eu fosse contar aqui quem está 'bixado', não daria aula..." (Pode isso meu povo?Ainda mais se tratando de uma formadora de cuidadores???)

Se eu peço a alguns professores para repetirem a matéria porque simplesmente não escutei, sinto uma má vontade imensa - ressalte-se: por parte de alguns!

Disponível em: <http://cronicasdasurdez.com/a-historia-da-barbara/>

8) SURDEZ

Sou deficiente auditiva bilateral de moderada a severa, não uso Libras, mas pretendo algum dia aprender. Sou oralizada e faço leitura labial. Minha mãe descobriu que eu era deficiente ainda bebê, pois era mais silenciosa, chorava quando não entendia algumas situações. Aos dois anos, fui para São Paulo fazer um exame que não tinha onde morava. Lá foi detectada minha perda auditiva. Após o exame, meus pais compraram os aparelhos auditivos e a partir daí comecei a usá-los. Do meu colégio, não tenho nada a reclamar, os professores eram meus amigos, sempre me ajudaram, sempre me apoiaram e deram broncas algumas vezes. Mas que sufoco passei no ensino médio, com simulados, tarefas e a pressão aumentando com vestibular chegando. Só resolvi o que eu ia fazer no terceiro ano! Decidi por Odontologia, pois minha irmã fazia e eu admirava muito os trabalhos dela. Passei no vestibular, entrei e, no segundo período, desisti. Não gostei, parecia que estava fora do mundo, pois era uma área muito específica. Laboratórios, relatórios, cadernos de bioquímica, histologia. Arghh! Não aguentei. Decidi então fazer Arquitetura e Urbanismo, área em que minha outra irmã é formada e muito satisfeita. Não me arrependo de ter mudado de curso, apesar de um não ter nada a ver com o outro, esse tem a ver comigo. Parece que tirei um peso das minhas costas. E eu me orgulho disso! Hoje, estou no terceiro período do curso, apesar das dificuldades que eu passo. Infelizmente ainda há preconceitos, e isso foi um choque pra mim. No colégio, nunca passei pelo que estou passando na faculdade, as pessoas do colégio parecem ser mais maduras. Nem imaginava que pudesse ter preconceitos, e por isso sofri mais. Ainda estou em processo de superar tudo isso. Professores não são tão preparados para atender a gente, mas eu entendo que não é por mal. É que, na empolgação, às vezes eles esquecem e ficam falando enquanto escrevem no quadro (dá pra perceber quando não estão totalmente de costas para a turma), então eu perco o ritmo de algumas explicações. Tive que aprender a “me virar”, tipo pegar caderno dos colegas depois da aula. Quando o professor é legal e mostra que se preocupa comigo, peço para repetir quando não consigo fazer a leitura labial. Em compensação, tem professor que evita até me olhar, é como se tivesse medo... Acho que é insegurança por não saber direito como lidar com o deficiente auditivo. Mas, isso não é motivo para desistir! (Adaptado)

Disponível em: <http://cronicasdasurdez.com/a-historia-da-barbara/>

9) AUTISMO

Depoimento de um jovem universitário de 23 anos:

“Quando infante, era dispráxico, dislállico, levemente ecolálico, memorizava frases de filmes e as proferia em contextos sociais (isso perdurou até meados dos 16 anos). Repetia palavras toadas na TV e minhas próprias palavras (palilalia). Padei de muitos casos graves de tiques (Tourette). Desde a aurora da vida, denotava deflexão ao estudo das ciências, era muito ingênuo e tinha hipersensibilidade tátil. Camisetas de linho e etiquetas eram inaseáveis. Tinha sensações estranhas ao fitar determinados padrões (como o fundo duma piscina) e quando a água caía sobre minha cabeça, perdia a propriocepção visual por um efêmero período quando isto ocorria. Alta habilidade verbal desde infante. Ao adolecer, a pressão social, a ingenuidade, a deficiência social e as mudanças no corpo incorreram-me na depressão profunda, contudo, não bastasse, as deficiências acadêmicas (salvo em poucas áreas). Já tive obsessão por fotografia, mapas, clima, ciência em geral, aeronaves. Atualmente, sou contumazido por palavras e tenho muito interesse na área aeroespacial (perdurou desde a infância), contudo, estou desenvolvendo interesses profissionais salutarres em minha própria área, mais elicitamente no campo da Imunologia, para verter posteriormente para o estudo da oncologia. Sou proprietário da maior comunidade do Facebook, um simulador de vôos espaciais.

Tinha ojeriza por contato físico, pavor de sons altos e ansiedade muito grave, que fora parcialmente controlada por medicamentos. Sou excêntrico, minha dicção é díspar e por vezes monocórdia, de baixo volume e pouca entonação. Estou treinando para enaltecer a prosódia. Tenho deficiências acadêmicas, salvo quando suscinta minha área de interesse. Tenho vicissitudes para manter a atenção em aulas, porquanto as gravo na faculdade. Atualmente, perduram as peculiaridades na fala (falar é laborioso, arregimenta muita concentração, o que me compele a desviar a atenção de outros estímulos sensoriais, como a visão e a audição). Os desvios de olhar durante o colóquio são muito irritantes

para as outras pessoas com quem converso, presumo. Tenho postura corporal desajeitada e um deambular característico de autistas e, quando infante, corria de forma muito peculiar. Minha vida foi permeada por infortúnios, mas fui aguerrido e consegui entrar numa universidade. Não obstante, tenho dito que o pior preconceito é o familiar, em meu caso.

Isso não é um relato de um autista, É MINHA VIDA.”

Disponível em: www.sistemas.ufrn.br/shared/verArquivo?idArquivo=645602&key...

CONSIDERAÇÕES

A acessibilidade atitudinal propõe uma mudança de comportamento no ambiente acadêmico e profissional. É fundamental que haja respeito às peculiaridades de cada indivíduo, independente se este apresenta algum tipo de deficiência ou não. Afinal de contas, não há um ser humano igual a outro.

Na prática docente, é preciso que o professor esteja atento a determinadas atitudes no sentido de desencorajar o *bullying* bem como promover a inclusão de todos. É preciso que tenha uma postura humanizada e não se limite ao conteúdo a ser abordado. Cabe lembrar que, às vezes é o próprio professor que possui alguma necessidade especial e, da mesma maneira, merece respeito e considera- ção.

FONTES DE CONSULTA

ARAÚJO, Álvaro Cabral; LOTUFO NETO, Francisco. **A Nova Classificação Americana para os Transtornos Mentais – o DSM 5**. Revista Brasileira de Terapia Comportamental Cognitiva. v. XVI, n.1, p. 67-82, 2014. Disponível em: <<http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/viewFile/659/406>>

ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA, AGÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE SUPLEMENTAR. **Diretrizes Clínicas na Saúde Suplementar**, 2011. Disponível em: <http://www.projetodiretrizes.org.br/-ans/diretrizes/transtorno_da_ansiedade_sociedade_social-diagnostico.pdf>

ANTUNES, Kátiuscia Cristina Vargas. **Educação Inclusiva e Acessibilidade: o espaço escolar em questão**. Rio de Janeiro: Publit, 2007.

AUSEC, Ingrid Caroline de Oliveira. **Fobia social e sala de aula: quando a timidez gera necessidade- des educacionais especiais**. IV Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2007/096.pdf>>

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>

BRASIL. Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo. Decreto nº 6.949 de 25 de agosto de 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm>

CAVALCANTE, Meire. **Gagueira: como ajudar seu aluno a se expressar melhor**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/gagueira-como-ajudar-seu-aluno-se-expressar-melhor-431433.shtml>>

GUEDES, Lívia Couto. **Barreiras atitudinais nas instituições de ensino superior: questão de educação e empregabilidade**. Recife: O Autor, 2007. Disponível em: <http://repositorio.ufpe.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/4563/arquivo5461_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

MERLO, Sandra. **Caracterização da gagueira**. Disponível em: <http://www.gagueira.org.br/conteudo.asp?id_conteudo=29>

NASCIMENTO, Bárbara Raquel Cardoso. **Fobia Social: A incidência em estudantes universitários, 2013.** Disponível em: <<https://psicologado.com/psicopatologia/transtornos-psiquicos/fobia-social-a-incidencia-em-estudantes-universitarios>>

PICON, Patrícia; PENIDO, Maria Amélia. **Terapia Cognitivo-comportamental do Transtorno de Ansiedade Social.** In: Psicoterapias cognitivo-comportamentais: um diálogo com a psiquiatria. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

RANGÉ, Bernard [et al.]. **Psicoterapias cognitivo-comportamentais: um diálogo com a psiquiatria.** 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão – Construindo uma sociedade para todos.** 5. Ed. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SANTOS, Daniela Silva. **Fobia Social: Saiba qual é a influência desse transtorno no contexto escolar.** Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/29158/fobia-social-saiba-qual-e-a-influencia-deste-transtorno-no-contexto-escolar>>

NAPPA

PROGRAMA DE ACESSIBILIDADE DO **UNIFESO**

